

INGLATERRA — CATHEDRAL DE LINCOLN.

A magnífica cathedral de Lincoln, que depois da de York, é o mais vasto e mais formoso monumento da architectura normanda em Inglaterra, construída em uma eminencia, que domina a cidade alta e baixa, avista-se, a consideráveis distancias, dos cinco ou seis condados que cercam o Lincolnshire. O seu comprimento, de leste a oeste, é de 530 pés; a sua largura de 227. A portada e duas torres remontam ao 11.º seculo, e justificam a opinião dos antiquarios que attribuem a sua fundação, uns a Guilherme o conquistador, outros a seu filho Guilherme o ruivo. Posteriormente foi reedificada e consagrada a Nossa Senhora por Henrique II. As partes mais notáveis do immenso edificio são o côro e a capella da Virgem. Mencionam tambem alguns como obra digna de attenção, o sino grande, que tem 18 pés de diametro na boca.

Antes da reforma a igreja de Lincoln passava por ser a mais rica do reino; Henrique VIII apropriou-se da maior parte do seu thesouro, e durante as guerras religiosas, no reinado de Carlos I, os seus sumptuosos tumulos foram mutilados e profanados, e como quasi todos os edificios religiosos existentes n'aquella epocha, serviu de quartel aos soldados de Cromwell.

A cathedral não é o unico monumento de Lincoln; os viajantes vão ali admirar as ruinas do forte castello construído por Guilherme o conquistador, e a porta de New-port, que prova a antiga origem da cidade, porque remonta ao tempo dos romanos.

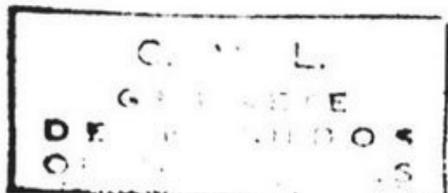
Quando toda aquella região caiu em poder d'es-

tes grandes conquistadores, Lincoln era habitada pelos *coritani*, tribus guerreiras, provindas das margens do Sena. As suas cidades consistiam apenas em um amalgama de choças, defendidas com paredes de taipa, e troncos de arvores atravessadas.

Senhores das povoações informes d'aquellas hordas selvagens, os romanos cercaram a cidade de muralhas, fortificaram-na, e formando o *Foss-dyke*, grande lago artificial de quatro leguas de comprimento, uniram as aguas do Witham ás do Trente, e assim crearam a fonte da actual prosperidade commercial da antiga Lindun.

A invasão normanda veio renovar os brios dos habitantes, abrir novos horisontes á industria, transplantar artes novas, trazer uma religião mais pura, aspirações mais altas. A lucta com os primitivos possuidores da terra desenvolveu n'elles a energia, a abnegação, o heroismo, principios de grandes cousas.

Hoje, uma longa e pacifica dominação tem feito fructificar as sementes lançadas á terra em um passado bem tempestuoso. A paz e a segurança fertilisam pouco a pouco estes campos, outr'ora encharcados e desertos; cidades opulentas se levantam; as charneças arroteam-se. Os vastos pantanos, que deram a uma parte do Lincolnshire o nome de *Holland* (terra baixa) enxugam-se, e entregam-se á cultura. Hoje as preciosas lans dos seus volumosos carneiros, e os seus magnificos bois, são transportados pelas vias de communicação, de que os romanos lançaram as bases ha dezoito seculos. As florestas, que



torneam o condado, já não servem de couto ao malfeitor; as estradas abrem-se ás pacíficas carretas dos lavradores, e os echos, em vez de repetirem brados ferozes de guerra ou gritos de terror, repercutem o alegre cantar da moça aldeã.

MORTE DO SR. VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

O PRINCIPE dos poetas portuguezes modernos já não existe. Depois de uma longa agonia, illustrada por actos da mais edificante piedade, o grande espirito do mimoso vate, solto das terrenas prizões, voou ao seio do Creador, d'onde emanára.

O dia 10 de dezembro foi um dia de lucto na capital; sêl-o-ha sempre, onde quer que se falle ou se aprecie a lingua portugueza.

É que, alto funcionario, ministro d'estado honorario, embaixador a diferentes côrtes, rico de todas as grandezas e de todas as honras e distincções que o mundo pode dar, o sr. visconde de Almeida Garrett, o auctor do *Camões*, do *Frei Luiz de Sousa*, da *D. Branca*, e de tantas outras obras primorosas, admiradas por nacionaes e estranhos, era sobre tudo isso o chefe, o representante mais illustre da moderna litteratura.

O mundo acabou para o visconde de Almeida Garrett; mas a posteridade começa para o grande poeta que soube illuminar a nossa patria, esquecida e desconsiderada a um canto da Europa, com a esplendida claridade do seu genio.

Tardio, pela indole especial d'este semanario, aqui depomos este tão humilde como singelo tributo de saudade ao superior engenho, que acaba de apartar-se de nós, esperando que em breve penna devidamente habilitada pague, nas columnas do Panorama, mais digno feudo á memoria do *segundo Camões*.

GLORIA E SAUDADE.

AO PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES D'ESTE SEculo, O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Bem o vês, o alaude caiu-me
D'estas mãos que não têm já poder;
E o som derradeiro fugiu-me
Do hymno eterno que ergui ao nascer.
GARRETT. — FLORES SEM FRUCTO.

I.

Não morreu! — Voltou só a terra á terra!
O que era fragil cinza, a sepultura,
No avaro seio, para sempre encerra.

Vê-se ali dentro quanto é mal segura
Essa, que o vulgo cego julga a vida:
Ficou d'elle outra vida que mais dura.

Uma alma d'estas, nobre foragida,
N'esse mundo, em que tudo lhe é saudade,
Vaga attonita, achando-se perdida.

Chega a morte? Sauda a liberdade;
E, roto o carcere, a viver começa,
Porque trouxe consigo a eternidade.

Quem ha que o vdo audaz hoje lhe meça?
Perdem-se as vistas na amplidão do espaço,
A que o espirito ardente se arremeça.

As azas fecha a mente de cansaço,
E as que ess'alma soltou deixam, fulgindo,
No céu da patria um luminoso traço.

N'este é que vive, os raios espargindo,
Que, não cabendo na morada estreita,
A foram lentamente consumindo.

A argilosa prizão tornou, desfeita,
Ao pó d'onde saíra; e o que era gloria,
Dom de Deus, a immortalidade aceita.

Perece o que não lega uma memoria:
Para o que a deixa ás gerações, que ensina,
A morte é mais esplendida victoria.

Se um seculo, apoz outro, a fronte inclina
Ante o espirito, que ficou presente,
É que este brilha e vive; — é rei, domina!

Dorme o corpo e dos males, que não sente,
Alcança a paz. Depois, o tempo corre,
Sem achar preza, despota impotente;
Porque espirito assim, nasce e não morre.

II.

Que importa? — Esta que tanto
O grão poeta cantou,
Doce mãe de amargo pranto,
Eterna, como esse canto,
Para choral-o ficou.

Ai! poeta da saudade,
Quanta saudade aqui vês!
Rompe a tua immensidade,
E, luctuosa realidade,
Has de encontral-a a teus pés.

A pintura que fizeste,
Animada pela dôr,
Toma as côres que lhe déste;
E, da sombra do cypreste,
Surge, viva e triste flor!

Sobre a lyra, que o ataude
Converte em sacra mansão,
Suspira um pobre alaude:
Se não vale o canto rude,
Valha n'elle o coração.

Suspirar! — Elle sabia:
Nós sabemos só gemer!
Essa divina harmonia
Muda está; — e quem lh'a ouvia
Nunca a deverá perder!

Quem, á magua e á formosura,
Quem deu realce melhor?
Quem a patria e a desventura
Levantou com fé mais pura,
Celebrou com voz maior?

Ao seu canto, perfumado
Da casta musa natal,
Grande, qual foi, venerado,
Resurgiu todo o passado
D'este, que era Portugal.

E jaz! — Só lhe vive a gloria
Que diz: — «Rival de Camões!»
E a musa, que precede a historia,

Entoa á sua memoria
O echo das proprias canções.

A ti, ó povo, a quem fallo,
O cantor vem de legar
Um nome para guardal-o:
Saibâmos nós conserval-o
Como elle o soube ganhar!

III.

Camões, Garrett! — Tres seculos ajoelham
Ante o abraço fraterno que ora daes.
No mutuo olhar os mesmos dons se espelham:
Onde sois, irmãos ha, não ha rivaes.

E dos avós o grupo heroico — cheias
De louro as mãos, as bôcas de louvor —
Lhes forma em torno festivaes cadêas
Pasmando cada qual do seu cantor.

E, ao recémvindo, que no rosto estampa
Jubilo celestial, uma voz diz:
«Quem entre os goivos te esfolhou da campa,
Ó flor da patria, a quem tão d'alma quiz?»

Era a voz do poeta, que á tormenta
As estrophes sem par tanta vez deu.
Depois, em tom solícito, accrescenta:
«O meu filho, como eu, tambem morreu?»

IV.

Não morreu! — Tornou só a terra á terra!
O espirito glorioso está presente:
Era da campa quanto a campa encerra.

Dorme o corpo e dos males, que não sente,
Alcança a paz. — Depois o tempo corre
Sem achar preza, despota inpotente;
Porque espirito assim, nasce e não morre.

MENDES LEAL, JUNIOR.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

XXIV.

Mahmoud II emprehende muitas reformas; opposição, que encontra: insurreições nas provincias: conquista de Argel pelos francezes: grande incendio em Constantinopla: invasão da cholera: primeiro jornal politico na Turquia: desintelligencias do sultão com Mehemet Ali: guerra da Syria: victorias de Ibrahim pachá: Mahmoud II recorre á mediação estrangeira: procedimento da Inglaterra e da França: perplexidade do sultão: acceta finalmente os soccorros da Russia: celebra-se a paz com o Egypto: tratado de alliança offensiva e defensiva com a Russia.

A DESASTROSA lucta, a que veiu pôr termo o tratado de Adrianople, deixou a Turquia em uma situação muito precaria. Os sacrificios de todo o genero, que foi mister fazer para a sustentar, tinham extenuado as forças do paiz, e exaurido os recursos do thesouro. A marinha de guerra estava aniquilada. E peor que tudo isto, a força moral do imperio achava-se extincta, e desvanecido todo o prestigio das armas musulmanas. A guerra que acabava de termi-

nar tinha mostrado exuberantemente, que o imperio ottomano já não podia entrar em lucta com a Russia sem comprometter a sua independencia.

Todavia Mahmoud II não se abateu no meio de tantos revezes e infortunios. Livre dos graves cuidados, que o occuparam, resolveu-se a levar á pratica as reformas que meditava desde a sua exaltação ao throno. Os ultimos acontecimentos tinham posto em evidencia a urgente necessidade de dar ao exercito a organização e disciplina de que tiravam tanta superioridade os exercitos das outras potencias europeas.

Persuadido portanto de que o progresso civilizador era o unico meio de levantar o paiz de tão grande abatimento, regenerando-o moral e physicamente, e por conseguinte habilitando-o a oppor uma barreira á ambição do seu poderoso visinho, começou a fazer todos os esforços para introduzir no imperio os usos e costumes das nações civilizadas. Assim pois, ao mesmo tempo que fazia instruir e vestir todos os corpos do exercito á europêa, e que ia modificando a legislação no sentido de a aproximar o mais possível aos codigos das nações cultas; ao mesmo tempo que mandava vir de França e de outros paizes professores capazes de dar impulso ás sciencias e ás artes, dava no seu palacio concertos e saraus á maneira dos mais soberanos da Europa. Entretanto não era possível fazer impunemente tantas innovações, em um povo, que a sua propria religião obrigava a ser estacionario.

Posto que a destruição dos janisaros tivesse acabado com o mais poderoso elemento de resistencia a toda a casta de melhoramentos sociaes, ficaram muitos inimigos irreconciliaveis das reformas, não só espalhados por toda a superficie do imperio, mas até reunidos em corpo na propria capital. Os ulemas (1) que viam de mau grado as reformas de Mahmoud II, conhecendo a inefficacia da sua opposição legal, decidiram-se a conspirar contra a nova ordem de cousas.

A falta dos janisaros por um lado, e por outro a disciplina mais rigorosa das tropas, que faziam a guarnição de Constantinopla, juntamente com a muita energia, actividade e vigilancia do sultão, tiravam aos conspiradores toda a esperanza de poderem promover n'essa cidade movimento algum revolucionario de consideração. N'estas circumstancias voltaram as suas tentativas para as provincias. O estabelecimento de lazaretos, que ia de encontro ás crenças de fatalismo tão arreigadas no povo musulmano, foi entre outras medidas a que serviu de pretexto á revolta, que não tardou a rebentar na Albania. Mustaphá pachá tomou o commando dos revoltosos, e reuniu em torno de si forças tão consideraveis, que apresentou a Reschid pachá, enviado pelo sultão á frente de vinte mil homens para combater os rebeldes, uma resistencia tenaz durante todo o curso do anno de 1830.

N'este mesmo anno teve o sultão de deplorar mais uma perda bastante consideravel. A tomada d'Argel pelos francezes tirou á Porta um vassallo poderoso, que concorria para asdespezas do imperio com avultados tributos, e que lhe acudia com valiosos auxilios de soldados e navios em todas as suas guerras.

A rebelião de Mustaphá pachá não tardou a ser seguida de outras insurreições na Bosnia, na Macedonia, em Bagdad, e em Scutari, que deram bem que fazer ao governo até ao fim de 1831. Na propria capital começaram a sentir-se symptomas revo-

(1) Os ulemas são os doutores e interpretes do alcorão, e têm por chefe o musti, que é a primeira dignidade na religião musulmana.

lucionarios. Um grande incendio, que abrazou quasi todo o arrabalde de Péra, residencia dos embaixadores estrangeiros e da população christã, deu logar a patentear-se a irritação do povo contra as innovações de Mahmoud II, a quem alcunhavam de renegado. A peste e a cholera, levando a desolação por todas as provincias, vieram exasperar mais os animos. Estes terriveis flagellos foram olhados como castigos de Deus pelas quebras dos preceitos do alcorão, e lançados como taes á conta do soberano, que assim provocava as iras do propheta.

Mas apesar de todas estas commoções e contrariedades o sultão não recuava nem diante dos obstaculos, nem em frente das ameaças. Cada vez mais convencido de que o imperio só podia salvar-se por meio de uma regeneração completa, progredia inabalavel no seu systema reformador. Em quanto comprimia pela força o espirito de fanatismo, mais ou menos directamente declarado em insurreição, creava a ordem civil e militar de *Nichani-Islikhar* e fazia publicar em Constantinopla o jornal *Monitor Ottomano*, escripto em turco e em francez; aquella destinada a servir de instrumento para a fundação de novos costumes, como estímulo de acções generosas; e este dedicado á consolidação das reformas, como um propagador de luzes, como um elemento civilizador.

Por este tempo vieram novos cuidados inquietar o sultão. Mehemet Ali havia-se recusado a pagar os tributos em divida á Turquia, quando esta lh'os exigia apertada da necessidade de satisfazer á Russia as indemnisações da guerra, impostas pelo tratado de Adrianople. O bachá do Egypto procurára auctorisar a sua recusa com a razão dos auxilios que prestára á Porta durante aquella lucta. Entretanto, attendendo-se ás obrigações, que ligavam o vassallo ao suzerano, deixava-se ver bem manifestamente que em tão obstinada negativa havia um pensamento de hostilidade. Pouco tempo se passou sem que apparecesse a descoberto.

Certa desintelligencia, que rebentou entre Mehemet Ali e o pachá de S. João d'Acre, forneceu pretexto ao primeiro para fazer grandes armamentos em terra e mar. Posto que o fim ostensivo de taes preparativos fosse uma simples vingança contra injurias pessoas, Mahmoud II, conhecendo os projectos ambiciosos do vice-rei do Egypto, anteviu que a conquista da Syria era o verdadeiro alvo a que se dirigiam os seus tiros.

N'estas circumstancias o sultão fez as maiores diligencias para evitar o rompimento entre os dous pachás, e quando perdeu todas as esperanças de o conseguir, preparou-se tambem para marcar os limites á satisfação exigida por Mehemet Ali.

Em outubro de 1831 partiu d'Alexandria Ibrahim pachá, filho do vice-rei, á frente de trinta mil homens, e antes do fim de novembro estava pondo cerco á praça de S. João d'Acre, tendo já tomado na passagem varias cidades da Syria. Mahmoud II ainda recorreu ora á brandura, ora ás ameaças para obrigar Mehemet Ali a desistir da guerra, e chamar as suas tropas; mas como tudo fosse baldado, resolveu oppôr força á força; e em março do anno seguinte fez marchar contra o vassallo rebelde um corpo de exercito commandado por Hucein-pachá, a quem conferiu por esta occasião o posto de feld-marchal, titulo nunca usado entre os musulmanos.

Rendeu-se S. João d'Acre a 27 de maio, no fim de seis mezes de assedio, e depois de um ataque mortifero. A 14 de junho alcançou Ibrahim pachá uma assignalada victoria sobre o exercito ottomano a uma legua de Damasco, e no dia seguinte entrava triumphante n'esta cidade. Finalmente depois

de ter destroçado as tropas do sultão em duas batalhas consecutivas, uma sobre o Oronte, que lhe deu a posse da cidade d'Alepo, e a outra no desfiladeiro de Beilan, que lhe entregou as chaves d'Antiochia, acabou de assenhorear-se de toda a Syria.

O vice-rei do Egypto fez então propostas de paz, em cujas condições entrava a posse da provincia conquistada; porém o sultão negou-se a todo o accordo, e poz em campo um segundo exercito sob o commando de Reschid pachá.

O novo general ottomano não teve melhor fortuna do que o seu antecessor. Uma só batalha decidiu de toda a campanha. A acção teve logar junto aos muros de Konia. Reschid pachá, que se havia extremado por seu valor, foi feito prisioneiro, e do seu exercito ficaram trinta mil homens fora de combate.

Mahmoud II, vendo destruida a ultima barreira, que podia oppôr á marcha triumphante do vencedor, recorreu á mediação da França e da Inglaterra. Mas não encontrando o desejado apoio n'estas duas potencias, mais inclinadas a lisonjear o vice-rei do Egypto, cujas boas graças requestavam com decidido empenho, entregou-se por fim nos braços do imperador Nicolau, que lhe promettia todo o socorro na contenda em questão.

Quando as duas potencias occidentaes viram entrar no Bosphoro uma esquadra russiana, saída de Sebastopol, uniram então os seus esforços para obstar á intervenção moscovita. Porém ainda assim todas as suas diligencias eram empregadas no sentido de afastar de Constantinopla a influencia da Russia, persuadindo o sultão a aceitar todas as condições que o vencedor lhe queria impôr.

Mahmoud II achava-se n'uma posição bem critica. Soberano de um imperio composto de raças tão differentes e tão segregadas pela diversidade de costumes e crenças, não podia resolver-se a ceder inteiramente aos caprichos e ambição de um vassallo rebelde; temia-se de um exemplo, que podia trazer á Turquia fataes consequencias. Mas tambem conhecia os perigos de procurar vencel-o por meio do auxilio russo. Assim pois, á noticia dos progressos, que faziam as armas egypcias na sua marcha sobre Constantinopla, accitava com ancia todos os offerecimentos de socorro que lhe fazia o embaixador de Nicolau I. Porém quando via surgir no Bosphoro as esquadras do czar, apreciando todos os resultados possiveis de semelhante alliança, recuava diante dos perigos, que os ministros inglez e francez não cessavam de lhe expôr em quadro de vivas côres. D'est'arte vacillava Mahmoud II no meio do embate de tão oppostos interesses e de tão contrarias influencias, e na presença de tão graves perigos.

A diplomacia franceza e ingleza tinha conseguido, que o sultão fizesse suspender a marcha da esquadra russiana, em quanto diligenciava novamente persuadir Mehemet Ali a acceder ás propostas de paz apresentadas pelo gabinete ottomano. D'esta vez os seus esforços eram sinceros, mas a sorte das armas tinha dado ultimamente taes vantagens aos egypcios, que o vice-rei recusou-se positivamente a modificar as condições com que pretendia negociar a paz.

Ibrahim pachá, continuando na serie dos seus triumphos, apoderou-se de Magnesia, e de outras cidades da Asia Menor, e apresentou-se nas immedições de Smirna. Em tal apuro Mahmoud II poz de parte todas as suas hesitações, e accitou sem reserva os offerecimentos, que o embaixador da Russia incessantemente lhe fazia. A 29 de março de

1833 partiu de Odessa uma expedição russa com tropas, que foram desembarcar na costa d'Asia, em frente de Therapia e de Buiuk-Dére. O conde Orloff, commandante em chefe d'esta força, e enviado extraordinario do czar junto ao sultão, fez a sua entrada solemne em Constantinopla, e logo declarou aos embaixadores da Grã-Bretanha e de França, que apesar de quaesquer reclamações, que houvessem de apresentar-lhe, a esquadra russiana não saíria do Bosphoro, nem as tropas do czar deixariam a Turquia em quanto Ibrahim pachá não evacuassem o territorio ottomano.

O general egypcio não avançou mais passo algum. Fez-se a paz, concedendo-se ao vice-rei do Egypto o governo da Syria, e os seus exercitos evacuaram a Asia Menor. A guerra acabou, mas antes que as esquadras e as tropas do czar deixassem a Turquia, assignou o sultão aos 8 de julho de 1833 um tratado de alliança offensiva e defensiva com a Russia por oito annos. Entre outras clausulas favoraveis a esta ultima potencia, obrigava-se Mahmoud II a fechar os Dardanellos aos navios de qualquer nação, que estivesse em guerra com o czar. Assim ficou triumphante em Constantinopla a influencia russiana.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LEENDA NACIONAL.

IV.

Santo era el-rei Luiz de França, santa sua tenção, e mui catholica a gente que levava contra os inimigos da lei de Christo, e foi desbaratado, preso e captivo.

H. DE MENDONÇA.

O REI E O POETA.

Não é nosso proposito seguir passo a passo a expedição d'África pelos portos de Lagos, Cadiz, Tanger e Arzila, nem ainda entranharmo-nos com aquelles milhares de aventureiros christãos, já então reforçados dos agarenos de Muley Hamet, até ao campo de Alcacerquibir; nem indagar se, attendidos os conselhos dos velhos fronteiros, e até os do xarife e seus capitães, ainda a salvação era possível; e menos descrever a batalha de 4 de agosto, que tantos historiadores tem, embora não sejam muito concordes entre si em varios pontos. Correremos um véu sobre as façanhas do rei portuguez, dos seus vassallos e dos auxiliares estrangeiros, que todos rivalisaram em valentia; e abraçando n'um rapido olhar esse campo regado de sangue, semeado de mortos, e o rio Lucus, que leva ao mar uma corrente vermelha, contemplemos os resultados de uma batalha, de um só dia... de algumas horas de desdita!

Trinta mil cadaveres de senhores e de escravos, nivelados pelo anjo da morte, juncam o areal, ou deslisam pelas aguas do antigo Liso de Ptolomeu; a flor da cavallaria portugueza, as esperanças da patria, eilas afogadas em sangue; porém essas vidas custaram caras aos mouros. Todos os tres reis da contenda se perderam abi: Muley Maluco expirou de um accesso febril no meio do combate; o xarife precipitou-se no Lucus, depois de perdida a acção; e D. Sebastião... oh! d'esse ninguem soube então o destino... ninguem o sabe de certo ainda hoje!

É morto, isso de certo; mas como, quando, e aonde?...

Depois de mil gentilezas de armas, o rei cavalleiro se entranhou, com a espada na mão, pelas cohortes mouriscas: semelhante ao anjo do exterminio, levava a morte áquelles que tocava na sua rapida passagem. Desappareceu entre mil alfanges! É quanto dizem os portuguezes que, ultimos, o viram, D. Luiz de Lima, e Luiz de Brito, o salvador do estandarte real; ambos depois prizioneiros.

Mas aonde conduziram o rei ou o seu cadaver? Morreu, foi prizioneiro, ou salvou-se? O Lucus não o envolveu em suas aguas, aliás o corpo de D. Sebastião apparecêra como appareceu o do xarife; não foi reconhecido entre os mortos do campo, embora muitos fidalgos jurassem ser o seu um cadaver mutilado que lhes apresentaram: era o meio de o salvar se ainda vivia. Não foi mettido nas prizões de Fes, não voltou á patria a empunhar de novo o sceptro, nem por então se ouviu fallar d'elle no mundo. Todavia muitos portuguezes começaram a esperar o seu regresso; e esta nova seita (que dura ainda hoje!) veio occupar as attensões da Europa, em lugar de outra semelhante, levantada na Escocia, que já então começava a desesperar da volta do rei Jacques IV, morto na batalha de Flodden em 1513. Investigar se nos avós d'aquella epocha tinham razão em esperar o *Desejado*, será o objecto dos seguintes capitulos, e de uma nota, em que resumiremos mais algumas noticias sobre o assumpto, que não cabiam na tela do romance.

Agora porém permitta o leitor, que nos transportemos em rapido vôo a Portugal, não para vêr a consternação de tantas familias, que fóra difficil encontrar palavras para pintar tamanha dôr, mas para presentear o fim de um homem, ligado á acção que nos propuzemos esboçar, ligado estreitamente ao destino portuguez.

A nova fatal da perda do rei e do exercito, que a olhos vistos sepultava a independencia e a gloria de Portugal, chegou até á humilde pousada do antigo guerreiro de Africa e do Oriente, do cantor das façanhas nacionaes; e o homem que travára de el-rei D. Manuel com um braço, e de Vasco da Gama com o outro, que se elevára com elles á immortalidade, por entre os escolhos da miseria e da calumnia, tão mal pago dos seus, que só encontrou conforto e verdadeira affeição no pobre jau, comprado como um objecto material; olvidando agora as ingratições de principes e de povos, para só se lembrar da perda do seu rei e da sua patria; maior que Catão ao ver expirar a republica entre as ruinas de Utica, escusando rasgar as veias, de puro despeito se finou, exclamando como o ultimo romano: *Patria, ao menos morreremos juntos!*

Que perdas!... D. Sebastião... Camões! Eram as armas e as letras personificadas; eram os genios da cavallaria e da epopéa!

E de ambos desconhecem hoje os portuguezes aonde descansam os restos mortaes!... Um d'elles, o mais valente, o mais cavalleiro de todos os seus reis... o outro, o mais probo, o mais sabio de seus conterraneos!!!

V.

Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu erro, co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.

L. DE CAMÕES.

VINTE ANNOS DEPOIS.

Em 1598 já Portugal contava bastantes annos de es-

cravidão nas algemas de Castella. Faremos como os vassallos mais leaes de D. Sebastião, como os briosos partidarios de D. Antonio, prior do Crato; não voltaremos á patria, pois que é nas plagas do exilio que temos de encontrar os personagens necessarios para a continuação da nossa historia.

Estamos a 24 de novembro. Um formoso sol de inverno italiano dardeja seus raios sobre a romantica Veneza.

A orgulhosa senhora do Adriatico, posto que já então decaída do antigo poderío, e espoliada da sua corôa dos mares pelos navegadores portuguezes (que a haviam de ceder aos batavos e bretões) conservava ainda um aparato de grandeza como nos dias de gloria. Nos seus bellos canaes se espelhavam palacios de nobres opulentos, aonde a magnificencia excedia o gosto delicado, mas que eram todavia elegantes; e defronte das portadas gothicas se viam muitas gondolas ricamente adornadas, e se escutavam os mais lindos versos do Tasso e do Ariosto, cantados pelos rudes gondoleiros. Não iremos porém descrever esta formosa cidade, a predilecta dos viajantes, a unica que deteve por dous annos em seu recinto o sombrio cantor de *Child-Herold*; conduziremos apenas o leitor áquelles pontos que nos é forçoso visitar para o regular andamento da acção, começando por uma pequena casa, de mesquinha apparencia, situada perto da ponte de Paglia.

Entremos. Eis uma modesta sala. Algumas poltronas e assentos razos; dous bufetes, sobre um dos quaes se vé um espelho, objecto de pouco preço n'aquella cidade; e um retrato d'el-rei D. Sebastião com tosca moldura, era toda a sua mobilia. Junto ao bufete de voluto estão sentados dous homens de idade desigual, mas, pelas feições, conterraneos; cunho hespanhol; mixto da circumspecção dos godos e da vivacidade dos arabes. Um mancebo vestido á franceza acaba de entrar, e os dous levantam-se para o receber, mas apertando os punhaes na mão, como quem se arreceia de alguma aleivosia.

— «E aqui,» perguntou o recémchegado, fazendo uma leve inclinação de cabeça, «a pousada de Pantaleão Pessoa? Será algum de vossas mercês o cavalheiro que procuro?»

— «Eu sou quem buscaes,» respondeu o mais moço; «e vós, senhor, quem sois? d'onde vindes, e a que fim?»

— «Meu nome é Pero Pantoja, e sou donzel do serviço do senhor D. Christovão, rei de Portugal,» tornou o mancebo, fazendo uma profunda vénia, e a menção de tirar o gorro de veludo, que trazia na cabeça; depois continuou: «Venho de Paris por Marselha, e trago para vossa mercê uma carta do muito nobre e leal D. João de Castro, conselheiro de estado que foi dos senhores reis D. Sebastião e D. Antonio.»

Abriu então o seu corpete de raso escarlata com passamanes de prata, e tirou um papel fechado com um fio de seda verde, que entregou a Pantaleão Pessoa. Este passou ligeiramente pelos olhos o conteúdo do escripto, e depois, voltando-se para o seu amigo, disse: «Escutae, Antonio de Brito, o que nos diz D. João.» E leu o que segue:

— «Depois da infeliz expedição de D. Antonio de Menezes á costa da Mina em 1589, a procurar o nosso bom rei D. Sebastião, que se dizia estar ali; não tendo voltado durante nove annos, havia eu desanimado: porém o padre Fr. Estevão Caveira, da familia dos Sampaivos, que aqui reside na cidade de Nantes, veiu ha pouco procurar-me, e com indicios novos alentou a fé que me fallecia, mostrando-me muitas prophcias que dão como vivo o *Desejado*; al-

gumas das quaes, encontradas entre os papeis de um mouro de Granada, com a data authentica de 1510, são de tal maneira claras, que me pareceu bem mandar-vos d'ellas um extracto, incluso. Por onde espero em Nosso Senhor, na Virgem Maria, e no bemaventurado martyr S. Sebastião, que ainda verei, com estes olhos peccadores, assentado no throno de Portugal, o *Encoberto*.»

— «A prophcia reza assim,» continuou elle, tomando outro papel annexo á carta, e desdobrando-o:

Lá n'esses tempos vindouros
Grandes feitos se verão,
Pasmarão as gentes todas
Com admiração:

Porém não aquelle reino
Que por Deus foi escolhido,
Por que será vencedor
E não vencido.

Não te assustes se o vires
Espesinhado e captivo,
Por causa d'aquelle rei
Que crêem morto, sendo vivo.

— «Não acredito nada d'isso,» interrompeu Antonio de Brito Pimentel; «só creio no que vejo.»

— «Mas,» tornou Pessoa, «não ouvimos nós a narração d'esse homem que ha alguns mezes chegou a Veneza, enviado, como diz ser, de el-rei D. Sebastião, e que affiança, não só estar vivo o monarcha, mas ainda proximo a apparecer-nos?»

— «Que credito merece esse homem, que tem atravessado a Italia como mendigo, com os vestidos despedaçados, e a barba crescida como um ermitão; que chegando a Veneza se foi alojar na *Côrte Contarina*, bairro de infamia e prostituição, e que só encontrou para o hospedar um miseravel cosinheiro, misser Francisco chypriota?»

— «Não continueis,» atalhou Pantaleão, com o subito de quem acaba de tomar uma resolução; «é essa uma censura que os estrangeiros nos deveram fazer, mas vou emendar o erro por minha parte; vou repartir esta pequena casa e o meu parco alimento com o enviado d'el-rei, e agradecer ao pobre chypriota a hospitalidade, que só elle offereceu ao peregrino.»

Quando ía a partir, reparou que o joven portador da carta ainda se não ausentára, e disse-lhe:

— «Amigo, vieste a Veneza só por esta carta? Esperaes a resposta?»

— «Não vos disse que era donzel do serviço d'el-rei?!» tornou o pagem, picado de assim ver menoscabada a sua dignidade de cortezão, posto que sem côrte: «Vim, prosequiu, como addido ao muito nobre e excellente senhor Manuel de Brito de Almeida, que foi valido de D. Antonio I, e hoje é embaixador de D. Christovão.» Depois abaixando a voz, e com ar de importancia, como quem estava ao cabo dos segredos de seu amo, continuou:

— «Vimos solicitar a protecção da republica e do papa para a restauração de Portugal; mais facil agora pela morte de Philippe II, que já conta dous mezes e tantos dias de sepultura.»

— «Offereci da minha parte a Manuel de Brito esta humilde pousada; e vós, Pimentel, ficae para o receber. Eu vou aonde o dever me chama. Adeus, senhores.»

Correu pela porta fóra, chegou á ponte de Paglia, alugou uma gondola, e vogando pelo *canalazo*, alcançou o arrabalde denominado *Côrte Contarina*,

bairro feio e hediondo. Parece que todos os flagellos por ali haviam passado: a guerra destruindo os grandes edificios, a peste infectando o ar, e a fome consumindo os habitantes; só rostos lividos e o descaro da devassidão appareciam ás portas d'aquelles mesquinhos tugurios. Pessoa para nada olhava; caminhou apressado até á casa do chypriota, cujos signaes sabia de cór, e entrou, sem hesitar, por uma porta gretada, que se apoiava a paredes em ruinas. Lá dentro encontrou-se com uma mulher asquerosa, cercada de quatro ou cinco creanças, quasi nuas e chorando por pão; era a familia do cosinheiro aposentado. Elle estava sentado no unico banco que ali se enxergava, junto a uma porta pequena.

— «O nosso homem?» perguntou Pantaleão, entrando.

— «Está dormindo,» respondeu seccamente o hospede.

— «Não importa; necessito fallar-lhe.»

— «Abri esta porta, e entreae; achal-o-heis n'esse quarto, unico que temos, além d'este onde eu durmo, minha mulher, e seis filhos.»

O portuguez, já quasi suffocado pelo odor pestilencial da casa, abriu a porta, e... que viu elle! Um cubiculo escuro, fetido, sem luz nem ar, e sobre uma pouca de palha o homem que procurava.

— «Senhor, saí d'este lugar.»

O desconhecido acordou sobresaltado, e ergueu-se.

— «Quem sois vós?... Ah! Pantaleão Pessoa...»

— «Saí d'este inferno, senhor; quem quer que sejaes, vinde habitar a minha pobre casa, e lá nos revelareis, se quizerdes...»

Dizendo isto, foi conduzindo o homem mysterioso para fóra da pucilga, e passando junto ao chypriota lhe deixou cair na mão algumas moedas de prata; encaminhou-se depois para a porta principal; e já transpunha o limiar, quando uma voz forte lhe bradou de fóra:

— «Larga esse homem, que pertence á justiça.»

E alguns aguazís se apoderaram immediatamente do desgraçado, separando-o de Pessoa. Este clamou irado:

— «Por que prendeis este homem?... raça...»

— «É a ordem do conselho dos Dez,» interrompeu pausadamente o cabo dos aguazís; «creio que não tentareis resistir-lhe!»

O cavalheiro sabia bem o que era aquelle tribunal de sangue, que tinha por delegados o carrasco e o bravo; não continuou.

— «Salvae o vosso rei, Pantaleão Pessoa!» exclamou o prisioneiro.

— «Aonde está elle? que perigo corre?» tornou Pantaleão suffocado, e lançando os olhos em derredor.

— «Está nas mãos dos familiares da inquisição de estado!... Corre o perigo de ser assassinado!...»

O incognito soltou aquellas palavras, debatendo-se entre os sayões que o arrastavam. Pantaleão Pessoa ficou assombrado, immovel, silencioso um momento; depois olhou em roda de si, e não enxergou viva alma; quiz duvidar do passado, como de um sonho, e por fim exclamou, apertando a cabeça entre as mãos:

— «Pois era el-rei de Portugal que eu vi em tanta miseria!...»

E correu para o canal.

(Continúa).

F. M. BORDALO.

O DESERTOR POLACO.

Ouvia-se grande tropel de passos pelos corredores, pelas escadas e pelo pateo... Os juizes, immoveis como estatuas, pareciam interrogar-se com os olhos; o coronel estava attento, com o peito opprimido, e os olhos incendidos.

Pouco depois o sargento da guarda entrou na sala pela porta grande do fundo, e na attitude de um inferior para com seu superior, caminhou para o presidente, e disse commovido:

— «Coronel... vossa esposa... subiu ao ultimo andar do convento, e precipitou-se de uma janella.»

Um grande grito soltou-se do peito de todos os que presenciavam aquella scena.

— «Um medico! um medico!» bradou Bestuzew com voz affogada pela colera e pela dôr.

— «O medico lá está, coronel.»

— «E que diz elle?»

— «Diz que nada ha a esperar.»

O presidente recaiu na poltrona, atterrado d'este golpe inesperado. Wolny não podia ver, nem ouvir nada; não tinha já consciencia do que se passava em torno d'elle.

Os dous assessores ergueram-se, e acercando-se do presidente, lhe rogaram que adiasse a audiencia para outro dia. O coronel porém lançou para elles um olhar inexprimivel, e contendo o soluçar, disse:

— «Não; faça-se justiça!» e accrescentou, em voz mais forte: «O capitão relator tem alguma cousa a allegar em favor do accusado.»

— «Nada,» disse Muzykow; «os factos fallam por si mesmos.»

O accusado foi conduzido para fóra da sala da audiencia, propondo-se os dous quesitos seguintes aos juizes:

— «1.º O accusado é réu do crime de deserção? 2.º O accusado foi a causa da morte da mulher do coronel?»

Os juizes responderam *sim*, por unanimidade!

O presidente redigiu a sentença; Wolny foi reconduzido ao conselho, e o secretario leu em alta voz:

«Em nome de sua magestade imperial Nicolau Paulowitch, imperador e autocrata de todas as Russia, comprehendida a Polonia;

«Ouidos os debates prescriptos por differentes ukases; visto o artigo do codigo penal concernente ao crime de deserção e de *homicidio voluntario*, e tendo escutado o capitão encarregado da defeza do réu;

«O conselho de guerra, estabelecido em Grodno, condemna Ivan Matwiey Gorief á pena de seis mil chibatadas, que lhe serão dadas pelos soldados do regimento, em que servia.»

Wolny ouviu sem pestanejar, contemplou friamente os seus juizes, e não proferiu uma unica palavra. Tudo estava acabado para elle; a mulher que amára morrêra por causa d'elle; e elle era condemnado por sua causa, mas condemnado como se a tivesse morto, como um assassino. Quem lhe arrebatára a mulher que lhe pertencia ordenára o supplicio, a que havia de presidir.

Dous dias depois, na planicie que o Niémen bannha, do lado da linda cidade de Poniémune, um batalhão de soldados, armados de chibatadas de mais de um metro, formava uma comprida fileira: cossacos e gendarmes a cavallo continham e repelliam aquelles que haviam accorrido a presenciar esta cruel execução, mais horrorosa ainda que a pena de morte, e só digna das bordas selvagens.

Wolny apresentou-se resignado e firme. Ouviu novamente ler a sentença, e foi depois despojado dos uniformes.

É inútil descrever os pormenores d'estas execuções barbaras, que para vergonha e opprobrio nosso ainda são toleradas em Portugal, posto que se haja modificado extraordinariamente o seu primitivo rigor.

Basta dizer que o infeliz Wolny, depois de receber duas mil chibatadas, succumbiu á dôr e á perda de sangue; mas declarando o cirurgião que a

execução podia continuar sem perigo, o ~~cirujão~~ polaco foi amarrado a um carro especial, para o proseguimento do supplicio.

Quando tinha levado quatro mil chibatadas a vida revelava-se-lhe apenas por leves estremecimentos nervosos.

— «Conduzam-no ao hospital,» disse então o coronel. «As duas mil chibatadas que faltam, levallas-ha depois de curado.»

— «Levem-no para o cemiterio,» acudiu o cirurgião; «este homem está morto!»



O BURRO AGUADEIRO.

O BURRO é um animal geralmente desconsiderado; mas em parte alguma talvez é victima de tão maus tratos como em Lima, capital da republica peruviana.

Não lhe valem os importantes serviços que ali presta; nem a sua docilidade e paciencia admiraveis; se alguma vez, extenuado de forças, succumbe á fadiga, para logo recebe de seu dono o mais cruel castigo; como se a fraqueza fosse um crime! Não são só porém pancadas com que o turturam. O burro em Lima, está sujeito a uma especie de codigo, tão barbaro como os seus barbaros inventores, em que a cada desastre causado pelo pobre animal, ainda involuntariamente, corresponde a pena horrivel de mutilação. A primeira vez que algum cae com a respectiva carga furam-lhe uma das ventas; á segunda repetem o mesmo supplicio na ou-

tra venta; á terceira cortam-lhe um bocado da orelha etc. etc. Assim não é raro encontrar pelas ruas de Lima animaes por tal forma mutilados que ninguém dirá que pertencem á raça azinina.

O que a estampa representa é o chamado *asno aguador*, o mais inoffensivo, o mais pacifico e o mais prestadio de todos os asnos, que nem por isso escapa á sorte dos seus irmãos, dadas iguaes infelicidades!

A corporação dos aguadeiros é em Lima uma das mais numerosas, e temiveis pela qualidade e instinctos dos individuos que a compõem. A distribuição de aguas na cidade quiz já contractual-a uma companhia com o governo, com as mais vantajosas condições, e em beneficio da hygiene publica. A corporação dos aguadeiros oppoz-se porém tenazmente, e as auctoridades não souberam ou não quizeram vencer a sua resistencia.